

Fernando Peixinho

Carta a um amigo

Há muito tempo que não temos qualquer contacto. Tu no fulgor mediático da imprensa e dos audiovisuais e eu, para aqui retirado, na pacatez de uma cidade de província onde a repetição do tempo é cada vez mais monocórdica e distante dos ritmos e do frenesim de uma Capital, que de resto referencia as mudanças do Mundo moderno.

A ideia de que um país pequeno deve ser "uno" e "indivisível", de modo a garantir a coesão nacional e a harmonia de todos os que nele nascem e vivem não podia encontrar maior desconcerto do que a realidade que temos, essencialmente caracterizada pelo desarmo-

nia e por uma incontornável, porque inexistente, coesão económica e social. O país apresenta cada vez maiores diferenciais de desenvolvimento e o espectro da pobreza colectiva, das regiões do interior, e das soluções feitas miragens tornou esta lógica e este modelo de organização política do país na mais aberrante forma de preparar um futuro onde caibam todos os portugueses.

Com a integração plena na Comunidade Europeia andou-se anos e anos a pagar aos agricultores para abandonarem os campos, aos pescadores para deixarem de pescar, criando-se um espírito de subsídio-dependência que só encontra justificação na primazia

do mercado sobre os valores do trabalho e da realização do Homem enquanto criador e realizador de projectos. A Europa é hoje um amontoado de contradições e de antagonismos, aumentado a riqueza na razão directa do desemprego e da exclusão social. O tempo que corre vai de feição para as correntes neo-liberais, que ao sentido do bem comum fazem prevalecer o individualismo numa lógica de sucesso a qualquer preço.

E é contagiados por esse individualismo, também, que tu e eu percorremos caminhos distintos e sucessivamente mais distantes. Pelos vistos é cada vez mais difícil que nos consigamos cruzar, dado que o tempo não pára e do passado não resta mais nada que não sejam os sonhos de uma juventude generosa, irreverente e combativa.

De vez em quando vem-me à memória tudo o que, sem enquadramento ideológico,

era, para nós, uma forma de sentir muito própria que nem por nada alienava ou deixava sequer beliscar os valores da solidariedade e da justiça. Éramos sensíveis às injustiças e às desigualdades, de tal forma que achávamos poder, através da nossa luta, gerar a «alquimia» necessária para transformar o mundo. Todavia, o tempo traiu-nos, e foi o mundo que nos transformou a nós e hoje resta-nos uma atitude crítica algo mórbida ao estado das coisas que vão acontecendo e, de forma seca e fortuita, esvaziar uns tantos conceitos e «clichés» que, como todas as modas, fazem a moda dos discursos do tempo que passa.

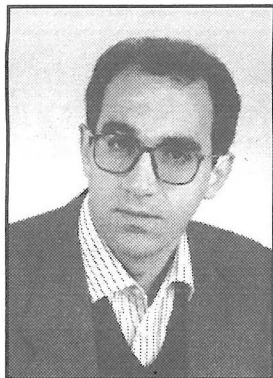
Há, no entanto, um motivo, ou talvez mais, para quem, como eu, decidiu refugiar-se nesta pequena cidade da província nordestina, porque ainda vale a pena lutar. No fundo o que se pretende é que, no dealbar da nossa esperança,

se tenha a possibilidade de reivindicar as condições instrumentais que nos permitam resistir à ânsia macrocéfala e concentracionária que teima em sugar o pouco que ainda temos e as últimas sementes que nos deixam, também aqui, poder alimentar a esperança.

E por isso custa-me que aqueles que vivem em Lisboa possam, com o seu voto, decidir se nós queremos ou não a regionalização, tanto mais que são muitos a ter voz sobre aquilo que nós, que já somos poucos, queremos.

A hipocrisia com que o tema tem sido tratado leva-me a pedir que, no quadro das funções que exerces assumas um pouco o papel de embaixador de todos os sem «voz» que também um dia puderam sonhar com um país reduzido ao máximo denominador comum, onde todos possam viver sem a angústia de, na sua terra, não poderem construir o seu futuro e o dos seus.

Sou, como sabes, um fiel e convicto militante da regionalização, sendo certo que essa será uma batalha que merece todo o empenhamento e a catalização de todas as energias para a fazer vingar. Por isso, importa que a sociedade civil seja informada e formada sobre o alcance dessa reforma política do Estado português, no essencial das suas causas e das suas consequências, para que uma questão que atravessa transversalmente os partidos, em particular, e a sociedade portuguesa, em geral, possa ser assumida e debatida de forma cívica, pondo de parte tudo aquilo que ameaça transformar-se num antro de promiscuidade político-partidária e, ainda pior, arremesso para o ajuste de contas entre os que validaram e os que embargaram a última revisão constitucional.



António Prada

A circulação na cidade de Bragança

Solução para a Av^a João da Cruz

Na sequência do artigo anterior sobre as condições de circulação em Bragança apresento agora a proposta de solução que advogo seja encarada para a av^a João da Cruz, cujo esquema de circulação se observa em anexo, e que consiste na implantação dos seguintes sistemas:

1 - Um que interligue a av^a João da Cruz à av^a Sá Carneiro através da faixa sul da praça Cavaleiro de Ferreira sendo implantadas duas rotundas nas intersecções. Por razões de optimização das circulações e de ordenamento urbanístico estabelecem-se dois sentidos de circulação na faixa sul da praça Cavaleiro de Ferreira e ainda na artéria a norte da Caixa Geral de Depósitos.

2 - Um outro sistema no

topo norte da av. João da Cruz que permita a interligação desta com a Rua da Estação através do espaço da antiga Estação do caminho-de-ferro. Com este sistema seria criada um novo percurso alternativo tendo como consequência imediata o alívio do tráfego na av^a Gen. Humberto Delgado.

Tais sistemas contam desde já com a possibilidade de implantação de um novo arruamento, a construir ao longo da plataforma da antiga linha do caminho-de-ferro, com início na rotunda que propoño em torno do monumento ao dr. Sá Carneiro.

Como vantagens principais desta solução alternativa refiro as seguintes:

- Definição clara dos percursos a seguir pelo tráfego automóvel, nomeadamente

pelo tráfego de atravessamento da cidade.

- Possibilidade de definição das circulações pedonais de forma naturalmente organizada e não restritiva.

- Mais espaço público libertado das circulações motorizadas sendo de destacar a disponibilização de um espaço amplo ligado ao edifício dos Correios.

- Moderação das velocidades de circulação com um consequente aumento da segurança.

- Diminuição dos tempos de espera assim como a melhoria da fluidez das circulações.

- Possibilidade do seu ensaio prévio com recurso a ligeiros trabalhos de adaptação das vias e posterior faseamento de implantação.

Considero, então, que se deveria desenvolver esta solução por meio de um estudo técnico de pormenor que garanta o respeito pelos princípios gerais a que as interven-

ções nos espaços públicos urbanos devem obedecer, tendo-se ainda em atenção a necessidade urgente da valorização urbanística do centro da cidade. Contrariamente, a opção pela instalação de semáforos, baseada no actual esquema de circulação, não daria resposta a esses princípios tendo ainda os inconvenientes de exigir avultados investimentos, seja no primeiro estabelecimento, seja posteriormente na manutenção dadas as frequentes avarias a que estão sujeitos e o seu funcionamento seria apenas eficaz durante os períodos de ponta nos dias úteis, quando a intensidade de tráfego é relevante. Atendendo-se ainda ao facto de estarmos perante uma zona da cidade onde é conveniente proceder-se a cortes do trânsito por motivos de festas, feiras ou outros, teríamos, nesses períodos, um sistema de regulação do tráfego sem qualquer utilidade.

